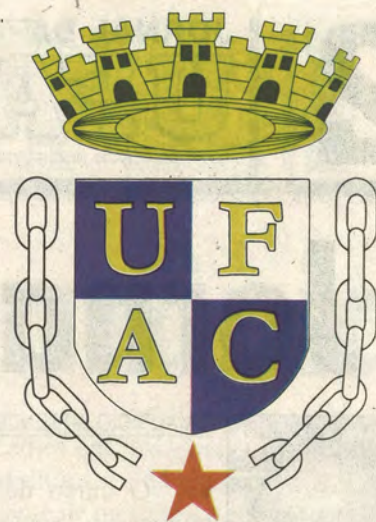




Ufac terá novo Campus em 2007

Página 3

ENTREVISTA

FRANCISCO DANDÃO



**Crescêncio Santana
conta histórias da criação
do curso de Direito**

Páginas 6 e 7

EDUCAÇÃO PARA TODOS

CEDIDA



**Ensino de graduação chega aos
municípios de difícil acesso do Acre**

Página 9

4º FUC

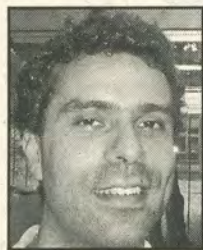
CEDIDA



**Mirla Miranda vence
Festival Universitário
da Canção 2006**

Página 5

Jornalismo é notícia na Ufac



* MAURÍCIO BITTENCOURT

O curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Acre (Ufac) esteve recentemente sob os holofotes da imprensa, que questionava suas condições de funcionamento. O assunto surgiu após recebermos visita do Ministério da Educação (MEC), com o objetivo de analisar a habilitação Jornalismo para liberar a emissão dos diplomas da primeira turma. A notícia foi o fato de que a comissão do MEC constatou alguns problemas, o que inviabilizou o credenciamento imediato do curso.

Os avaliadores consideraram insuficiente o número de computadores, câmeras filmadoras e fotográficas, além de observar a carência de outros equipamentos laboratoriais e de estúdios com revestimento acústico, por exemplo. A biblioteca e a infra-estrutura da universidade tam-

bém foram criticadas. A partir do relatório do Ministério, uma comissão que envolve professores do curso e do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais reuniu-se para planejar o futuro. Enumeramos as demandas por ordem de urgência e aproveitamos para traçar novos planos.

Solicitamos à universidade obras de adaptação da atual infra-estrutura física do Pavilhão Walter Félix de Souza; pedimos máquinas fotográficas, computadores, um estúdio de Rádiojornalismo e outro de Telejornalismo. Requisitamos ainda a construção de um grande estúdio de TV de 150 metros quadrados, para eliminar todas as carências do curso e melhorar as condições para sonharmos, no futuro, com novas habilitações. Estamos otimistas e animados, mas esse otimismo necessita de eco na estrutura da universidade, que, com a devida presteza, precisa disponibilizar condições e recursos para obras e compra de equipamentos.

No entanto, cabe aqui ponderar sobre as condições de a Ufac resolver o

problema. A cada mês chegam de Brasília novos cortes orçamentários, e sabemos que as universidades federais sobrevivem há anos à míngua. Questiono então o porquê de a comissão do MEC não poder solicitar diretamente ao Ministério as verbas para adequar o curso da Ufac, já que ambos, comissão e Ufac, são vinculados ao MEC. Para que submeter o processo a mais uma negociação, entre Ufac e MEC, já que os avaliadores do próprio Ministério impõem a obrigatoriedade de mudanças? Por ora, temos a garantia da Reitoria da universidade de que as demandas serão satisfeitas a tempo. Quando isso ocorrer, nova visita será solicitada ao MEC e os diplomas do curso, provavelmente, liberados.

Paralelamente a esse processo ocorre a reformulação do curso de Jornalismo, iniciativa que pretende arejar a estrutura curricular montada desde 2001, quando a habilitação foi criada. O objetivo é elaborar um projeto sintonizado com

a sociedade acreana e amazônica. Para isso, promovemos um debate com essa sociedade, nos meses de julho e agosto, em que perguntamos quais as demandas de cada segmento social para o jornalista formado na Ufac. A discussão foi riquíssima, e pudemos atestar a legitimidade de algumas propostas já elaboradas pela comissão de reformulação. Por exemplo, o jornalista é um profissional cuja ética vem sendo muito cobrada pela sociedade. E não fugimos do fato de que há razão para essa cobrança.

E como se forma a ética, o caráter, de um jornalista? Felizmente, com o único "equipamento" não questionado pela comissão avaliadora do MEC – o professor. É por isso que continuamos, dia a dia, a entrar em sala de aula com a boa-vontade necessária para driblar as carências do curso de Jornalismo da Ufac. Por saber que o principal está sendo feito.

* Jornalista e professor do curso de Comunicação Social / Jornalismo da Ufac.

A Biblioteca Central e os usuários



* RAIMUNDO F. DE SOUZA

- [...] Hei! Me traz aquele livro da capa vermelha! Aquele, desse tamanho! Que tem um desenho engraçado na capa!

- Qual o autor? Qual o título? Qual é o assunto?

- Vê logo! Estou com pressa! Estou perdendo aula...

- Meu amigo, existem milhares de livros com a capa vermelha e com desenhos de toda forma. Posso lhe ajudar, mas é necessário que me forneça dados mais precisos.

Após alguns minutos de conversação, a atendente consegue identificar que documento o usuário está necessitando para pesquisar. Esse tipo de embate é constantemente

travado entre usuário e funcionário da Biblioteca Central. Outra questão não menos perturbadora enfrentada pelo serviço de atendimento é a incansável desculpa da "falta de tempo". Todos querem ser atendidos ao mesmo tempo e por não ser possível esse feito, muitos resmungam, criticam e, às vezes, xingam o funcionário.

Entre as paródias vivenciadas no setor de atendimentos, a mais pitoresca foi a do usuário (que o serviço público o tenha em paz e, talvez, ganhando um salário à altura de seus conhecimentos), que solicitou para o atendente o livro: *O sertanejo brabo e o motoqueiro*, fato que, em princípio, causou estranheza, mas depois a situação ficou muito cômica, pois, o que ele estava realmente querendo era a obra, que agora é livro, mas surgiu de uma dissertação de mestrado do professor Luiz Antonio Pinto de Oliveira, intitulada: *O sertanejo, o brabo e o posseiro*.

A Biblioteca Central da Ufac – BC/Ufac, testemunha de tantos episódios e parceira inseparável da trajetória da Universidade em Rio Branco, começou a funcionar no andar térreo do Palácio da Cultura, Av. Getúlio Vargas, centro, onde hoje funciona o Colégio de Aplicação. Transferiu-se em 1979 para o prédio da gráfica universitária, no Campus Universitário, e em 17 de agosto de 1982 passou a funcionar no prédio atual. A partir de novembro do corrente ampliou seu espaço físico, passando a contar com a estrutura do prédio anexo, ambiente climatizado e equipado com sistema anti-furto e que vai funcionar com livre acesso para os usuários.

Ao longo da trajetória da educação superior no Acre, a BC/Ufac vem desempenhando um papel de grande importância no apoio às atividades de ensino, pesquisa e extensão. Semelhante às outras institui-

ções dessa natureza, em especial as da Região Norte, a BC/Ufac também se recente da carência de material bibliográfico. No entanto, essa característica, que pode ser interpretada também pela evolução do ensino e pela constante dinâmica das publicações científicas, não diminui sua importância como principal setor de suporte às atividades acadêmicas. Essas necessidades de material bibliográfico estão sendo administradas e dentro dos limites orçamentários a atualização vem sendo realizada.

Atualmente a BC/Ufac dispõe de um acervo com 20.200 títulos, correspondendo a 89.600 exemplares de livros; 4.350 exemplares de periódicos nacionais e 1.194 estrangeiros; vídeos, CD-Roms e 49 bases de dados (Portal de Periódicos da Capes) à disposição dos usuários.

* Chefe da Biblioteca Central da Ufac.

Financiamento público da Educação Superior



* JOSÉ PORFIRO DA SILVA

O presidente (candidato) Lula indagado sobre o desempenho de seu governo no subsector da educação superior, no programa Roda Viva, da TV Cultura, em 16-10-2006, discorreu, sem demora, sobre os programas de expansão das Instituições Federais de Ensino Superior e Universidade para Todos (Prouni) etc. etc. De

imediatamente, foi duramente interpelado pelo repórter especial Lourival Sant'Anna, do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Lourival afirmou, abraçado com um sorriso escarninho, que o presidente nada fez para mudar o modelo de universidade que temos, pelo contrário, ainda o enaltece. Um modelo caro e improdutivo, sem similar no mundo desenvolvido, desferiu o repórter, por mais de dois minutos, demonstrando que o modelo dos Estados Unidos tem no máximo cinco universidades de excelência. Aqui se deseja ter 59.

Na Europa tem-se uma relação aluno/professor, média, próximo de vinte, enquanto isso, no Brasil não passa de quatorze.

O discurso transmitido por Lourival Sant'Anna alcança todos os aspectos da vida das universidades públicas, especialmente a questão do financiamento. Este vem se aviltando de forma persistente, transformando-se, basicamente, numa questão de expectativa política envergada, nos últimos quinze anos.

A convicção predominante, na sociedade, de forçar os governos a priorizarem a alocação de recursos públicos na educação básica, tende a agravar este quadro e pôr a educação superior em duas dinâmicas: a) uma privada, vinculada apenas aos atrativos da rentabilidade; b) outra, focalizada em cursos superiores, de curta duração, ofertados por instituições universitárias ou não universitárias, em sintonia única com as demandas do mercado. Nesse caso, pensar em financiamento público para a educação superior seria um desatino, tal como Lourival advertiu severamente o presidente Lula.

A defesa do financiamento público da educação superior se apóia, em parte, no juízo de que todos têm direito ao acesso à educação superior. Alguns segmentos sociais perfilham pela ideia de que a educação superior estaria associada a um projeto nacional de desenvolvimento, portanto, nada mais justo que garantir o financiamento público.

Estes argumentos, empiricamente, estão em desvantagem com as ideias dos segmentos representados por Lourival, desconsiderando valores absolutos, em termos de tendência. Por exemplo, o valor do financiamento das Instituições Federais de Ensino Superior, no ano de 2005, foi equivalente ao mesmo valor do ano de 1995, deflacionado por quaisquer dos índices de preços disponíveis. O custeio dessas instituições foi pressionado no limite do estrangulamento.

O que o presidente Lula e o repórter especial terão a dizer do modelo brasileiro de universidade, daqui a quatro anos?

* Pró-reitor de Planejamento e professor do Departamento de Economia da Ufac.

FOTOS: FRANCISCO DANDÃO



Obras da Ufac no Campus do Canela Fina, em Cruzeiro do Sul, encontram-se em fase de conclusão

Ufac investe no interior do Estado

Cursos da Universidade Federal do Acre em Cruzeiro do Sul ocuparão o espaço do novo Campus em 2007

Excetando-se a época dos chamados cursos parcelados, pode-se dizer que o ensino superior público chegou a Cruzeiro do Sul, segunda maior cidade do Acre, em 1989. Naquele momento, quando a Universidade Federal do Acre (Ufac) era dirigida pelo reitor Sansão Ribeiro de Sousa, dois cursos foram instalados: Letras Inglês e Letras Português.

Ainda na administração do mesmo reitor, que tinha como pró-reitora de graduação a professora Clara Elizabeth Simão Bader, um terceiro curso regular de nível superior chegou à cidade: o de Pedagogia.

Os três cursos, apesar das insistentes demandas da população cruzeirense por outras habilitações, permaneceram como únicas opções durante quinze anos.

Em 2006, no segundo mandato do reitor Jonas Filho, graças, entre outras ações, ao projeto chamado "Universidade da Floresta", de iniciativa do deputado federal Henrique Afonso (PT), a oferta de cursos superiores em Cruzeiro do Sul dobrou. Agora os cruzeirenses dispõem também das habilitações em Engenharia Florestal, Ciências Biológicas e Enfermagem.

No conjunto, 220 vagas são oferecidas pelo ensino superior federal por ano à comunidade de Cruzeiro do Sul. Mas os atuais dirigentes da Ufac não estão

plenamente satisfeitos com isso. Entendem que a demanda ainda é muito grande e pretendem criar novos cursos até 2008, entre os quais Farmacologia, Agronomia, Conhecimento Indígena e Letras Espanhol.

E para atender a essa expansão, a Ufac já tem novas instalações quase concluídas, num local chamado Canela Fina, cerca de 10 quilômetros do centro de Cruzeiro do Sul. Faltando somente o acabamento dos prédios e o asfaltamento de um pequeno trecho da estrada que liga o novo campus à cidade, é quase certo que as aulas em 2007 já aconteçam no local.

Ufac vive momento de reestruturação

Na opinião da professora Olinda Batista Assmar, vice-reitora da Universidade Federal do Acre (Ufac), a instituição vive um momento ímpar e não apenas pela sua expansão rumo ao interior, mas também por um processo de reestruturação, da execução de um estatuto novo, da proposta de novo regimento e da criação de cursos exigidos pela comunidade.

"Em Cruzeiro do Sul, especialmente, levando em conta o isolamento da cidade, onde em grande parte do ano só é possível chegar de avião, eu entendo que o

advento de novos cursos superiores públicos é uma verdadeira dádiva para a comunidade local. A Ufac tem dificuldades para atuar na cidade, mas o resultado é compensador", afirma a vice-reitora.

"Mas, além de Cruzeiro do Sul, que a partir de 2006 passou a contar com seis cursos de graduação, é bom lembrar que a Ufac atua hoje, com a parceria do Governo do Estado e das diversas prefeituras municipais, em todas as cidades. Mesmo em locais de difícil acesso, onde era quase um sonho existir um curso superior, nós estamos chegando", explicou Olinda.



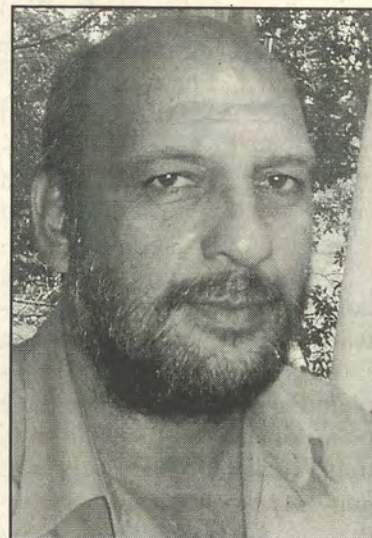
Vice-reitora Olinda Assmar

Interiorizar a Ufac é proposta da atual administração

Para o reitor Jonas Filho, na metade do seu segundo mandato frente à Universidade Federal do Acre (Ufac), essa expansão da instituição pelos municípios acreanos faz parte da proposta da sua administração. "Essa é uma luta histórica. Nesse sentido, nós pretendemos, dentro do possível, criar cursos regulares em todas as cidades do Estado", disse o reitor.

Nesse momento, a Ufac faz um esforço para atingir, prioritariamente, com a criação de representações, as cidades mais distantes da sede, em Rio Branco, mesmo que ainda sem cursos regulares. Por conta disso, no segundo semestre de 2006 foram instalados, pessoalmente, pelo reitor Jonas Filho, núcleos nas cidades de Manoel Urbano e Assis Brasil.

"Naturalmente", continuou o reitor, "tudo isso que estamos realizando só é possível graças



Reitor Jonas Filho

a um momento extremamente favorável que estamos vivendo, em decorrência das parcerias que temos realizado com o Governo do Estado, com o Governo Federal e com os parlamentares. É por isso que nós estamos conseguindo levar avante os nossos propósitos".

CRUZEIRO DO SUL

Duração dos cursos em anos; horário de funcionamento e área de atuação				
Código	Cursos	Duração / anos	Horário	Área de Atuação
15	Letras/ Português (Licenciatura)	Mínimo: 4 Máximo: 7	2ª a 6ª: 14h às 19h e Sábado: 7:30h às 11h	Magistério da Educação Básica (a partir da 5ª Série).
16	Letras/Inglês (Licenciatura)	Mínimo: 4 Máximo: 7	2ª a 6ª: diurno e Sábado: matutino	Magistério da Educação Básica (a partir da 5ª Série).
17	Pedagogia (Licenciatura)	Mínimo: 3 Máximo: 7	2ª a Sábado: matutino	Magistério da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.
85	Engenharia Florestal (Bacharelado)	Mínimo: 4 Máximo: 6	2ª a Sexta: matutino e vespertino Sábado: matutino	Planejamento, gerenciamento, difusão de conhecimento e tecnologia de recursos naturais, renováveis e não renováveis, além de desenvolver ações visando a melhoria da qualidade de vida das populações da floresta.
86	Ciências Biológicas (Bacharelado)	Mínimo: 4 Máximo: 6	2ª a Sexta: matutino e vespertino	Instituições de pesquisa, empresas públicas e privadas; indústrias de biotecnologia nacionais e internacionais; indústrias de alimentos, de fertilizantes, de inseticidas, de laticínios e de produtos farmacêuticos; hospitais, laboratórios clínicos e anátomo-patológicos; herbários, biotérios, zoológicos e museus, ONGs nacionais e internacionais na área ambiental; instituições públicas e privadas de ensino fundamental, médio e superior, bem como toda e qualquer instituição ou organização cujo campo de atuação, direta ou indiretamente.
87	Enfermagem (Bacharelado)	Mínimo: 4 Máximo: 6	2ª a Sexta: matutino e vespertino	Atividades educativas, administrativas e de assistência à enfermagem.

Novos cursos em Cruzeiro do Sul

Até 2008, a Ufac pretende funcionar no Vale do Juruá com, pelo menos, onze cursos de graduação

Cruzeiro do Sul entrou definitivamente na rota do ensino superior público brasileiro, com os três novos cursos (Ciências Biológicas, Engenharia Florestal e Enfermagem) implantados este ano na cidade pela Ufac. A oferta dobrou, uma vez que nos dezesseis anos anteriores as opções se restringiam a Letras/Inglês, Letras/Português e Pedagogia.

Atualmente, cerca de seiscentos estudantes transitam diariamente pelas provisórias instalações da instituição (a mudança para o campus novo deve ocorrer no início de 2007), nos três turnos. Eles interagem com um contingente de cinquenta e sete professores e quarenta funcionários. E até

2008 existe a previsão de serem criados mais quatro cursos.

A superintendência geral do campus de Cruzeiro do Sul é exercida atualmente pelo professor Anailton Guimarães Salgado, que tem como auxiliares diretos os funcionários Paulo Augusto Rodrigues Barbosa (administrador), Elerson Valente de Paiva (secretário executivo) e Jaime Fontes Vasconcelos (analista de tecnologia de informação).

Quanto à estrutura acadêmica, ela se divide em três grandes unidades: o Centro de Ciências Biológicas e da Natureza (CCBN), dirigido por Karen Adami Rodrigues; o Centro de Ciências da Saúde e do Desporto (CCSD), dirigido por Raquel da Rocha Paiva Maia; e o Centro de Educação, Letras e Artes (Cela), dirigido por Cleidisson de Jesus Rocha.

Qualidade na formação de profissionais

Pedagogo, com especialização em metodologia do ensino superior, o superintendente Anailton Guimarães Salgado entende que a Universidade Federal do Acre se tornou imprescindível para Cruzeiro do Sul, "uma vez", diz ele, "que a instituição tem primado pela qualidade na formação de profissionais ao longo desses anos em que se instalou na região".

"Para a sociedade de Cruzeiro do Sul, para toda a população do Vale do Juruá, a Ufac é o elo que torna realidade o sonho da qualificação pelo ensino. Antes, as pessoas que não tinham condições de estudar num centro mais adiantado acabavam o segundo grau e ficavam sem poder continuar os seus estudos. Hoje esse problema não existe mais", explica Anailton.

E o melhor de tudo, de acordo com Anailton Guimarães, é que a perspectiva de futuro é



Anailton Guimarães

bastante promissora. "Nós iniciamos com dois cursos, em 1989, ganhamos mais esses três agora em 2006, através do projeto Universidade da Floresta, e até 2008, se Deus quiser, nós teremos onze cursos funcionando em Cruzeiro do Sul", diz o superintendente.



Prédio onde são desenvolvidas atualmente as atividades da Universidade Federal do Acre em Cruzeiro do Sul

Todos os professores da Ufac em Cruzeiro do Sul

CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES

1. Anailton Guimarães Salgado - Especialista
2. André Louis Farias da Franca - Graduado
3. Antonio Igo Barreto Pereira - Graduado
4. Célia Maria Pires de Almeida - Especialista
5. Cleide Vilanova Hannich - Especialista
6. Cleidisson de Jesus Rocha - Doutor
7. Cleusa Martins de Carvalho - Mestre
8. Dalbi José Damasceno Pires - Especialista
9. Deolinda Maria Soares de Carvalho - Mestre
10. Eliana Campos Pojo - Mestre
11. Ete Feitosa de Oliveira Gomes - Especialista
12. Francisca Adma de Oliveira Martins - Especialista
13. Gelson Peres da Silva - Mestre
14. Heide Soraia Berg - Mestre
15. Ivanete de Freitas Cerqueira - Mestre
16. Jannice Moraes de Oliveira Cavalcante - Especialista
17. João Carlos de Carvalho - Doutor
18. José Ivo Peres Galvão - Especialista
19. Marcos Antonio Eduíno Pereira - Mestre

20. Lindomar Soares Rezende - Mestre
21. Maria Aldecy Rodrigues de Lima - Mestranda
22. Maria Alexandrina Félix de Andrade - Especialista
23. Maria da Conceição da Silva Oliveira - Especialista
24. Maria das Graças da Silva - Mestre
25. Maria Dolores de O. Pinto - Mestre
26. Maria Helena Maciel de Oliveira - Especialista
27. Maria Irinilda da Silva Bezerra - Especialista
28. Maria José da Silva Moraes Costa - Mestre
29. Maristela Rosso Walker - Mestre
30. Marta Aparecida Garcia Gonçalves - Mestre
31. Milton Chamarelli Filho - Doutor
32. Rodrigo Nascimento de Queiroz - Graduado
33. Sílvia Maria Januário Alves - Mestre

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DESPORTO

1. Carla Lúcia Goulart Constant Alcoforado - Graduada
2. Jaçamar Aldenora dos Santos - Especialista
3. Kleyianne Medeiros de Mendonça - Especialista
4. Maria José Francalino da Rocha - Especialista
5. Raquel da Rocha Pajva Maia - Graduada
6. Rodrigo Medeiros de Souza - Graduado

CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA NATUREZA

1. Adamara Machado Nascimento - Graduada
2. Alexandre de Souza Tostes - Mestre
3. Claudene Menezes Atayde - Mestre
4. Eliane de Oliveira - Doutora
5. Erlei Cassiano Keppeler - Doutora
6. Falbérni de Souza Costa - Doutor
7. Josimar Batista Ferreira - Doutor
8. Karen Adami Rodrigues - Doutora
9. Leandro Bresolin - Doutor
10. Leonardo de Azevedo Calderon - Doutor
11. Marcus Vinícius Athaydes Liesenfeld - Mestre
12. Marta Dias de Moraes - Doutora
13. Miguel Justiniano Abanto Peralta - Doutor
14. Paulo Sérgio Bernarde - Doutor
15. Rafael de Azevedo Calderon - Mestre
16. Reginaldo Assêncio Machado - Doutor
17. Rodrigo Otávio Perea Serrano - Mestre

OS DIRETORES DOS CENTROS



• **CLEIDISSON DE JESUS ROCHA**, diretor do Centro de Educação Letras e Artes (Cela) – "A Universidade Federal do Acre tem cumprido um papel formativo muito importante aqui no Vale do Juruá, dando apoio aos projetos das redes pública e privada de ensino da região. Eu entendo

que a Ufac tem dado as respostas que a comunidade do Juruá precisa e está cada vez mais sintonizada com as necessidades das pessoas daqui".



• **KAREN ADAMI RODRIGUES**, diretora do Centro de Ciências Biológicas e da Natureza (CCBN) – "A vinda e o posterior fortalecimento da Ufac no Vale do Juruá implica, fundamental-

mente, na melhoria da qualidade de vida da população local. Cada um de nós, que estamos vindo pra cá de vários lugares do país, com estruturas de conhecimentos diversos, traz uma contribuição específica para a formação da comunidade daqui".



• **RAQUEL DA ROCHA PAIVA MAIA**, diretora do Centro das Ciências da Saúde e do Desporto (CCSD) – "O curso de Enfermagem da Ufac aqui em Cruzeiro do Sul foi uma grande conquista para toda a população. Foi um curso escolhido pelo povo, que sabe, sente na pele mesmo, a falta de profissionais capacitados na nossa cidade. Nós estamos tentando formar um aluno com uma interação direta com a comunidade".

Os múltiplos ritmos do 4º FUC

Festival Universitário da Canção 2006 mobilizou artistas de várias faculdades do Estado

Durante três dias de novembro (8, 9 e 10), o Anfiteatro Garibaldi Brasil, no campus da Universidade Federal do Acre (Ufac), respirou alegria nos acordes dos estudantes que concorreram ao título do 4º Festival Universitário da Canção. Ao fim das apresentações, uma certeza: a cada edição a missão dos jurados em apontar um vencedor fica bem mais difícil.

Dificuldades à parte, por volta de meia-noite do dia 10, uma sexta-feira, os apresentadores anunciaram como grande vencedora a canção Kamafruta, da estudante de Marketing Mirla Miranda. Heloy de Castro, com Oração do Látex Derramado, e Renata Dourado, com Doce Vertente, ficaram, respectivamente, com o segundo e o terceiro lugares.

A canção Quintal do Mundo, do estudante de História Daniel Lima de Alencar, a que maior frenesi causou no público presente ao Anfiteatro Garibaldi Brasil desde o dia da primeira eliminatória, le-



Mirla Miranda, com Kamafruta, e Heloy de Castro, com Oração do Látex Derramado, ficaram com os primeiros lugares no 4º FUC



FOTOS CEDIDAS

vando boa parte das pessoas a cantá-la junto ao intérprete em duas apresentações, deu ao seu autor os prêmios de Melhor Letra e Melhor Interpretação.

Independentemente, porém, das canções agraciadas com prêmios em dinheiro, o melhor de tudo para alguns autores é a gravação de um CD com as doze finalistas. A

saber: Kamafruta, Oração do Látex Derramado, Doce Vertente, Quintal do Mundo, Bom Destino, Utopia, Vou Cuidar de Mim, Longe de Você, Corda Bamba, Uma Voz, A Salvação e Filho dos Becos.

O corpo de jurados que atuou no 4º Festival Universitário da Canção foi composto pelas seguintes per-

sonalidades: Vicente Cruz Cerqueira (presidente), Romualdo Medeiros, Adriana Santelli, Damian Keller, Dirceinei Francisco Lima Souza, Virgínia Monteiro Villanova Machado, Dom Carlos, Antônio Carlos do Nascimento e Nilda Dantas.

Promovido pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da

Ufac, sob a coordenação do publicitário Sérgio Siqueira, o 4º Festival Universitário da Canção teve como parceiros, entre outros, a Fundação Elias Mansour (FEM), a Fundação Garibaldi Brasil (FGB), o Instituto de Ensino Superior do Acre (Iesacre), as Faculdades Integradas Rio Branco (Firb/FAO) e a Uninorte.

A letra da canção vencedora

KAMAFRUTA

O teu sabor tem gosto de fruta fresca
Que eu não consigo identificar
Me deixa toda molinha
Boca querendo carinho
Será que é maracujá

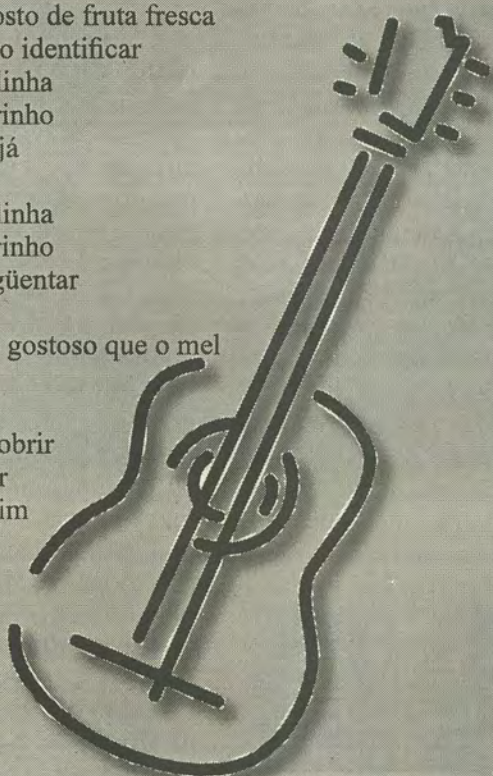
Me deixa toda molinha
Boca querendo carinho
Será que eu vou agüentar

O teu sabor é mais gostoso que o mel
Rasante à terra
Tão distante o céu
Quero querer descobrir
Cara de boba sorrir
Teu beijo doce assim
Açaí

Flores de laranja
Pra você deitar
Rosa cor de jambo
Quase pra vingar

Fruta adormecida
Acorda aluá (ao luar)
Amarelo manga
Pele paladar

Eu quero te beber
Eu quero te molhar
Eu quero te comer
Te Kamafruta
Eu quero te comer
Te Kamafruta



As vencedoras de todos os festivais universitários
Resistência, de Jonas Filho – 1999
Os Senhores do Tempo, de Diogo Soares – 2002
Bela Dona, de Lina Graziela – 2003
Kamafruta, de Mirla Miranda – 2006

Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

A Universidade Federal do Acre (Ufac), por intermédio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, a Superintendência Regional do Incra, a Fetacre e a Fundação Bioma durante dois anos, de abril de 2004 até o segundo semestre de 2006, realizaram um ambicioso projeto de educação de jovens e adultos em vários assentamentos de reforma agrária no Acre.

Dois principais objetivos nortearam as ações do projeto, denominado Pronera: complementar a formação dos alunos que completaram as quatro primeiras séries do ensino fundamental; e contribuir com o processo da formação da consciência ambiental, investindo na difusão de conhecimentos para fundamentar atitudes ecologicamente responsáveis.

De acordo com a técnica Rivanda Nogueira, representante da Ufac no Pronera, “a construção do conhecimento durante todo o processo teve como eixo articulador teorias e práticas que possibilitaram a produção e a elaboração de um novo saber sobre o processo educativo, as relações de trabalho e o próprio trabalho pedagógico”.



Educação de jovens e adultos no Projeto Caquetá

Além disso, ainda no dizer de Rivanda Nogueira, “os profissionais envolvidos primaram pelo respeito e valorização dos jovens e adultos e seus saberes. O educando trabalhador possui um conjunto de crenças, valores, símbolos, conhecimentos oriundos de sua formação pessoal, das suas vivências, que puderam em muito fermentar o trabalho proposto”.

Para o pró-reitor João Lima foi satisfatório o resultado do trabalho, porque, entre outros fatores, restou o entendimento de que “as ações pedagógicas conseguiram conceber os homens e as mulheres dos assentamentos como sujeitos

históricos inseridos e partícipes da sua realidade. Fato que deverá contribuir para um processo de construção de uma realidade positiva na educação do campo acreano”.

“A escolaridade assim compreendida”, continuou o pró-reitor, “deverá tornar-se suporte para que o sujeito possa compreender os fenômenos que o cercam e, de posse desses instrumentos, possa melhor interpretar o mundo e significar o meio em que vive, reconhecendo-se, desse modo, não só como sujeito do e no mundo, mas também como sujeito de interferências na concretude do real, a partir do seu cotidiano”.

Crescêncio Santana conta sua t

FRANCISCO DANDÃO

O passo inicial na construção da instituição conhecida hoje como Universidade Federal do Acre (Ufac) foi dado no ano de 1964, no dia 25 do mês de março, com a criação da Faculdade de Direito (Decreto Estadual nº 187), cujo primeiro diretor foi o promotor público Jersey Nazareno de Brito Nunes. No ano seguinte, com a realização do primeiro vestibular, 28 pessoas ingressaram no curso pioneiro. Destas, apenas 16 conseguiram chegar ao fim da jornada, recebendo seus diplomas no ano de 1969, numa turma denominada Estado Acre, tendo como patrono o senador José Guimard dos Santos.

Os 16 primeiros advogados formados no Acre foram os seguintes: João Crescêncio de Santana, Foch Jardim (falecido), Omar Sabino de Paula, Alberto Barbosa da Costa, Levy Cervantes Saavedra (falecido), Mário Izídio

dos Santos, João Eremith de Souza (falecido), Manoel Alves Cacela, Manoel Ribeiro do Nascimento (falecido), Giocondo Maria Grotti (então Bispo do Acre e Purus - falecido), Ary Rodrigues (secretário de Saúde à época - falecido), Demétrio Câmara de Aruda, Maria Ferreira Martins, João de Oliveira Paiva (falecido), Antônio da Costa Gadelha (falecido) e Raimundo Alves Dias (falecido).

O *Jornal da Ufac* ouviu durante um par de horas um remanescente dessa primeira turma, o doutor João Crescêncio Santana, amazonense de 73 anos, nascido no seringal Arapixi (proximidades de Boca do Acre), que chegou em Rio Branco em plena adolescência, no ano de 1949, tornando-se com o passar do tempo membro da Academia Acreana de Letras (cadeira nº 16), vencedor do primeiro festival de música do Acre e pai de sete filhos (Rosemir, Roberto, Gildeth, Resende, Ailton, Marília e Maria do Socorro), frutos do seu casamento com D. Maria Bezerra de Santana. Confira abaixo os principais trechos da conversa.

Crescêncio, por favor, fale da sua trajetória, desde o seringal até a cidade...

A minha vinda para a cidade, eu diria, aconteceu por circunstâncias diversas, quando eu já era adolescente. Minha mãe já era falecida quando eu resolvi deixar para trás irmãos e sobrinhos. Pulei na popa de uma canoa, desci o rio Purus e depois subi o rio Acre, num período de cheia dos caudais da Amazônia. Remei durante doze dias, mas consegui chegar a Rio Branco são e salvo, graças ao beneplácito do Altíssimo *Javeh*, Deus de *Balaão*. Foi muita luz, quase ceguei, mas, enfim, cheguei, estudei me formei e, de lá para cá, só diante de um mundo muito grande de fantasia, no qual me encontro envolvido até hoje. Tudo bem... É mais ou menos isso sobre a minha chegada aqui.

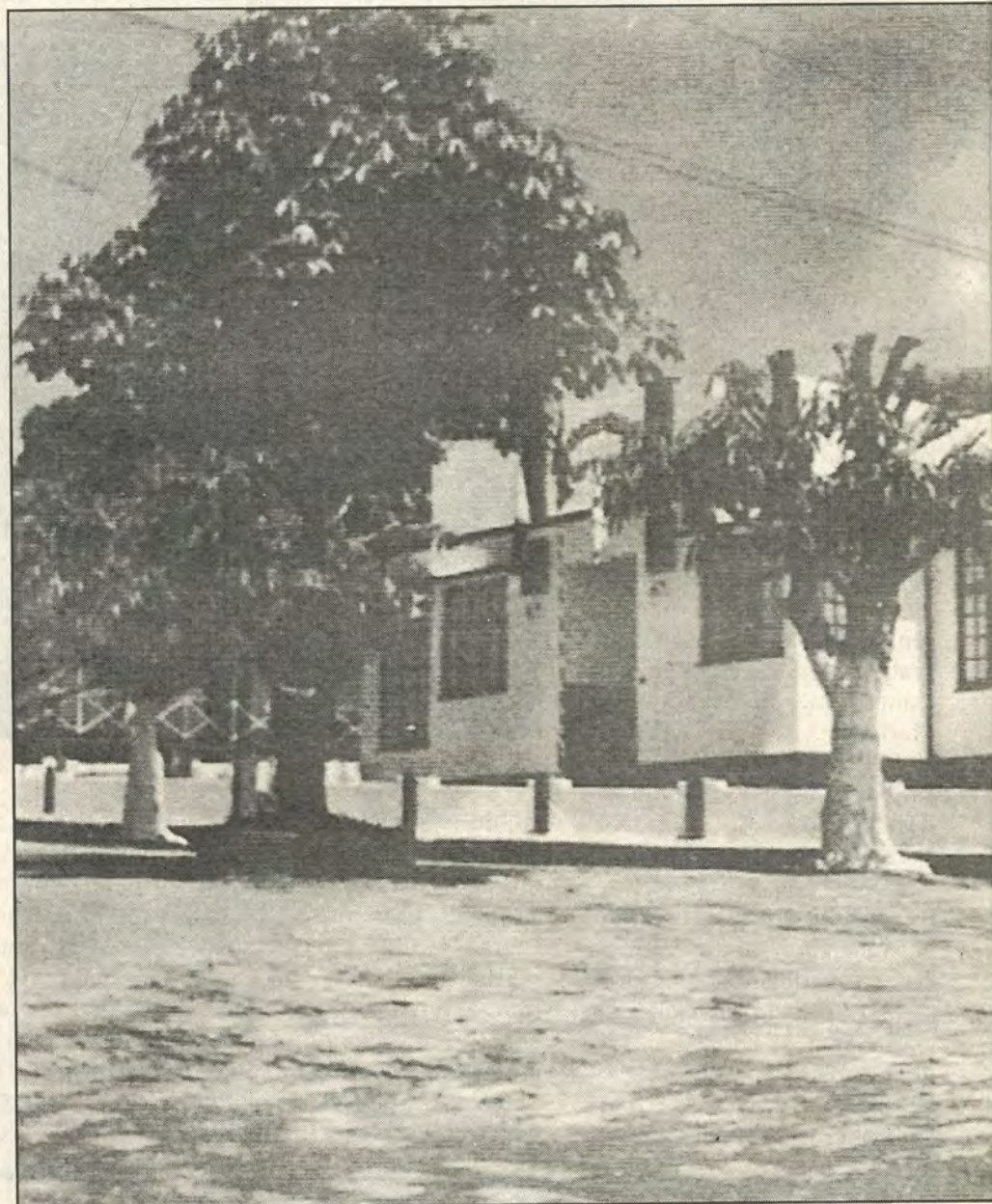
Sobre o curso de Direito... Por que as autoridades locais entenderam que era interessante criar justamente esse curso superior?

Foram circunstâncias diversas. Quando o Acre era Território, tinha uma existência muito apagada, cheia de dificuldades peculiares, sendo uma delas a de que as

pessoas qualificadas que vinham de fora assumir funções de destaque não paravam muito por aqui. Logo que podiam, se retiravam, iam embora, voltavam para as suas origens. A falta de pessoal qualificado foi, durante muito tempo, fator de dificuldade para os administradores locais. Então, em 1962, elevado o Acre à categoria de Estado, passou a ser um sonho da juventude um curso superior, porque as pessoas terminavam o segundo grau e ficavam sem poder dar prosseguimento aos seus estudos. Só os filhos das autoridades é que podiam continuar estudando em outros centros. Por intermédio do professor Omar Sabino de Paula, que era um dos nossos deputados constituintes, foi elaborado, então um decreto, criando o curso de Direito, que era a formação que ensinava condições, dado o número de juizes, desembargadores e advogados que aqui existiam e que poderiam atuar como professores.

E as dificuldades, quais eram e como vocês as enfrentavam?

As dificuldades eram inúmeras. E eu posso falar isso de cátedra porque eu fui a primeira pessoa convidada



Prédio da Escola Estadual 1º de Maio, onde funcionou o curso de Direito, nos anos de 1960, na esq

para trabalhar na implantação do curso de Direito, pelo doutor Jersey, que foi na minha casa e me fez a devida convocação. Eu trabalhava na Secretaria da Saúde, mas o doutor Jersey deu um jeito de me colocar à disposição da nova empreitada. O local que nos foi destinado para começar os trabalhos foi o prédio da Escola Normal Lourenço Filho, onde hoje funciona o Cerb [Colégio Estadual Rio Branco]. Em princípio, não havia sala para a gente se alojar e nós passamos uma semana trabalhando na ponta do corredor da escola. Mas depois deu tudo certo. Eu e o doutor Jersey entramos juntos e saímos juntos da Faculdade de Direito, desde a sua criação até a sua transferência para a Universidade Federal do

Acre. Eu vi e vivi a história... Se não sou agente, sou testemunha!

O que te motivou para cursar Direito? Você tinha vocação ou foi por falta de opção mesmo?

Eu acho que foi um pouco pelas duas coisas. Quando o doutor Jersey me convidou para trabalhar na implantação do curso, eu já havia concluído a Escola Técnica de Comércio Acreana e entendi que não poderia ficar de fora do processo. Se logo eu, que trabalhava com o homem e estava habilitado para ingressar no curso superior, não me interessasse então quem se candidataria? Além do mais, eu já tinha uma vocação natural para fazer poesia, música escrever, coisas que caracterizam uma tendência para a área jurídica. Eu acho que houve uma mistura em doses certas de vocação com falta de opção.

Os primeiros professores do curso de Direito do Acre, você lembra os nomes deles?

Os professores, eu me lembro de todos. Totalizavam um número de dez. Anote aí. Jersey de Brito Nunes, Lourival Marques de Oliveira, Fernando de Oliveira Conde, esses três o grande triunvirato de força para a criação, implantação, reconhecimento e federalização do curso de Direito do Acre. E tinha, ainda, Jorge Araken Faria da Silva, Yacut Aiache, Paulo Polly Nepomuceno, Manoel Antônio



Formandos da primeira turma do curso de Direito do Acre, em 1969

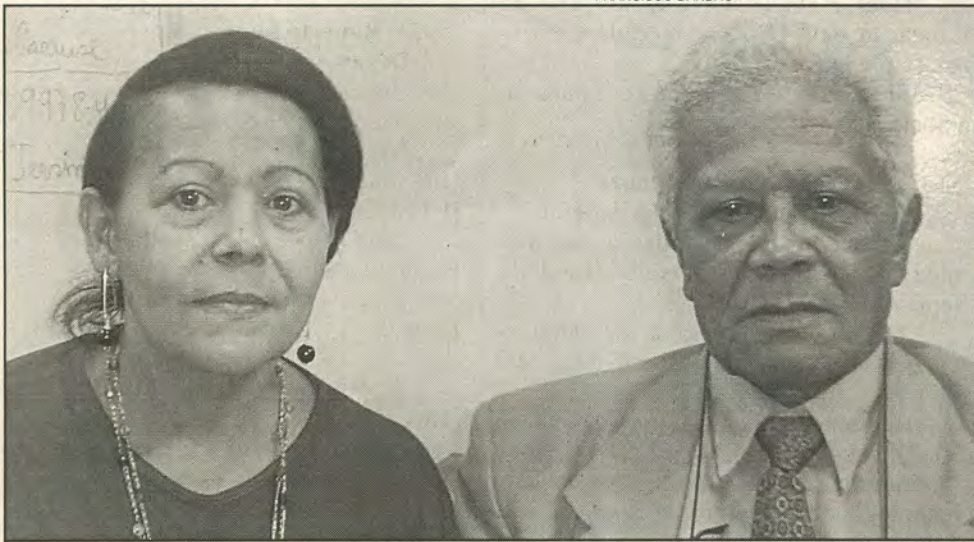
rajetória do seringal ao asfalto

FOTOS REPRODUÇÃO



na da rua Benjamin Constant e Av. Marechal Deodoro (local do antigo Banacre)

FRANCISCO DANDÃO



Crescêncio Santana com a filha Rosemir em foto atual e no dia da formatura (destaque), em 1969

Álvares da Cruz, Alberto Guadanini Zaire, Aury Félix de Medeiros e Manoel Franco Neves.

Dos formados na primeira turma, alguém seguiu carreira nos tribunais?

Quase todos. Eu mesmo advoguei durante dez anos, assessorado pelo nosso digníssimo presidente da OAB [Ordem dos Advogados do Brasil], Adherbal Maximiano Caetano Correa. Parei quando passei a exercer cargos de confiança no Governo. No Governo do professor Francisco Wanderley Dantas eu fui Diretor de Polícia Judiciária, cargo que só deixei no meio do Governo do professor Geraldo Mesquita, o Barão. Aí fiz concurso para a Advocacia Geral da União [AGU], passei e hoje sou aposentado no quadro da cita-

da entidade, Classe Especial, Letra A. Um dos elementos da primeira turma, João de Oliveira Paiva, chegou, inclusive, a exercer o cargo de juiz.

Durante o curso, enquanto aluno, você teve alguma participação especial?

Eu logo nos primeiros dias me elegi presidente do Diretório Acadêmico. Fui eleito, reeleito e aclamado, só sei porque quis. No período de presidente do Diretório fundei um jornal intitulado *Folha Acadêmica*, do qual cheguei a imprimir dezoito números, todos com papel-espelho, além de trazer para reuniões de intercâmbio estudantes da Universidade do Amazonas, que apresentaram aqui uma peça chamada *Toda donzela tem um pai que é uma fera*. Em contrapartida, eles me levaram depois para

Manaus, onde passei cerca de vinte dias e conheci toda a estrutura do ensino superior amazonense. Eles me levaram até para conhecer a cúpula do Teatro Amazonas. Foi uma festa, um verdadeiro sucesso. Permaneci como aluno e funcionário durante cinco anos, quando o curso passou a fazer parte da Universidade. Nesse momento, o doutor Jersey disse: - Crescêncio, acabou nossa missão. Eu vou para o meu lado e você vai para o seu!

A criação do curso de Direito coincide com a implantação do regime militar no Brasil. Havia algum tipo de interferência por parte dos militares? É verdade que havia um certo monitoramento por parte dos militares com relação a alguns alunos, o bispo D. Giocondo, por exemplo?

Realmente, houve um período que nós passamos por essa pressão. Para se ter uma idéia, quando o Ministério da Educação designou a primeira vistoria para o reconhecimento da Faculdade de Direito, fato que aconteceu em 1966, nós recebemos um expediente dizendo

que a comissão chegaria trinta dias depois. O doutor Jersey convocou-me para uma reunião e traçamos a estratégia para deixarmos tudo nos conformes, para que não houvesse problemas quando a tal comissão chegasse. Mas, veja bem como as autoridades agiam no período autoritário... Chegava a ser tragicômico... A comissão que deveria chegar em trinta dias, já estava no Palácio quando

nós recebemos o expediente. No fim da manhã em que chegou o tal documento, quando eu e o doutor Jersey íamos saindo para o almoço, parou um carro preto na porta da faculdade, de onde saltaram quatro elementos, dizendo-nos: - Nós somos da comissão do MEC, deixem a chave com a gente e podem ir embora. Para nossa sorte, estava tudo nos conformes. Quanto ao bispo, que eu saiba, não havia nenhum problema dos militares com ele não.

Em 1994, Crescêncio, você escreveu um livro sobre a criação do curso de Direito. O que levou você a escrever esse livro, vinte e cinco anos depois de formado?

O que me levou a escrever o livro *Poeira Cósmica* foi resgatar a história da criação da Faculdade de Direito do Acre, do ponto de vista de um dos seus últimos personagens vivos. Eu sempre achava um absurdo que, passados tantos anos, na época em que eu resolvi publicar o *Poeira Cósmica*, ninguém havia escrito nada a respeito da Faculdade de Direito. O próprio Dr. Jersey [Nazareno de Brito Nunes], que prestou trabalhos relevantes ao Estado do Acre, homem de uma projeção extraordinária, professor, advogado, promotor público, passou sem que lhe fosse atribuída a verdadeira importância. Para mim, a história da Faculdade de Direito, nesse tempo ao qual eu me refiro, ficou meio que perdida no espaço do mundo literário. Não havia registro literário. E, assim sendo, as pessoas que buscavam mais informações sobre

essa história se obrigavam a sair procurando testemunhas. Mas, além dessa explicação sobre a minha motivação para escrever *Poeira Cósmica*, eu gostaria de falar um pouco sobre o que é que leva as pessoas a se dedicarem à literatura. Ora, sendo a literatura a obra de arte que se faz com a palavra escrita, ela provoca uma emoção em quem a usufrui. Há quem suponha que a literatura constitui um passatempo. Não é bem assim. Ela é também uma forma de conhecer o homem, quer como indivíduo, quer como elemento social. Os problemas humanos, os feitos de um povo, as emoções que a vida nos oferece, tudo isso se transforma em ensinamentos que levam a gente a chegar à conclusão que a literatura é vital para a nossa vida.

Crescêncio, você estudou, virou advogado, exerceu cargos públicos, mas também é reconhecido no Estado como um músico talentoso, infelizmente aposentado, para o desprazer dos boêmios dos anos 50, 60 e 70. Você ganhou, inclusive, o primeiro festival de música realizado no Acre. O que te deu mais prazer na vida, ser advogado ou músico?

O que eu posso dizer sobre isso é que eu me sinto uma criatura abençoada por Deus, *Javeh*, o Altíssimo de *Balaão*, porque de onde eu vim só sendo coisa do destino mesmo. Na área musical, eu posso dizer que já nasci feito, foi uma questão de vocação, herdei do meu pai. Nós éramos sete irmãos e somente dois seguiram a carreira musical, eu e o Ivo, mais novo do que eu dois anos, que morreu recentemente [outubro de 2006] em Porto Velho. Lá no seringal eu já tocava violão. Quando cheguei em Rio Branco, aprendi a tocar pistom, dominei a técnica, toquei muito, inclusive no baile de posse do governador imposto pela ditadura militar, o capitão Edgar Pedreira de Cerqueira Filho. Eu não saberia dizer o que me deu mais prazer, se ser advogado ou músico. Com a música eu nunca ganhei dinheiro e acho que quem disser que ganhou dinheiro fazendo música aqui está mentindo. Para ganhar dinheiro, criar meus filhos, eu tive que ser advogado. Então, eu acho que as duas coisas, a advocacia e a música, se completaram na minha vida.

Se você pudesse dar um conselho aos jovens, o que você diria?

O que eu posso dizer aos jovens é que procurem estudar bastante. Estudar de manhã, de tarde e de noite, e acabar com esse negócio de rua, lambedeira e outros vícios malucos, acabar com vida desregrada, compreender que haverá muito tempo para curtir depois de conseguir uma profissão para ganhar o seu dinheiro. No mundo de hoje, é preciso que todos se qualifiquem, sob pena de, assim não procedendo, ficarem à deriva, culpando as autoridades pela miséria. Grande parte da culpa pelo desemprego cabe a cada um, que não procura uma formação adequada para competir no mercado de trabalho. E um outro aspecto, no que diz respeito à escolha do curso, após o término do segundo grau, é o de não se deixar influenciar por pai nem mãe. Deve-se escolher a profissão obedecendo à vocação pessoal. Façam isso e depois me digam o resultado!

Professores Associados

Após 19 anos sem progressão funcional, um grupo de 23 professores da Universidade Federal do Acre passou da categoria de Adjunto 4 para a de Professor Associado. O benefício foi possível por conta da Lei 11.344, de setembro de 2006, um dos frutos das negociações levadas a efeito com o Governo Federal na greve de servidores universitários do ano de 2004.

A progressão para a classe de Professor Associado, de acordo com o Art. 5º da Lei 11.344, se faz por meio da aprovação de três requisitos: - Estar há, no mínimo, dois anos no último nível da classe de Professor Adjunto; - Possuir o título de Doutor ou Livre-Docente; - Ser aprovado em avaliação de desempenho acadêmico.

Abaixo, a relação completa dos primeiros Professores Associados da Universidade Federal do Acre (Ufac).

1. **Antônio Carlos Fonseca Pontes**
 . Departamento de Matemática e Estatística
 . Graduado em Estatística na Universidade de Campinas (Unicamp)
 . Mestre em Estatística e Experimentação Agronômica pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq-USP)
 . Doutor em Estatística e Experimentação Agronômica pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq-USP)
 . Linhas de Pesquisa: Estatística Não-Paramétrica e Estatística Multivariada.
2. **Carlos Alberto Alves de Souza**
 . Departamento de História
 . Graduado em História na Universidade Federal do Acre (Ufac)
 . Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
 . Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
 . Linha de Pesquisa: História Social.
3. **Cleto Batista Barbosa**
 . Departamento de Ciências da Natureza
 . Graduado em Ciências Biológicas na Faculdade de Humanidades Pedro II (RJ)
 . Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
 . Doutor em Geografia – Utilização e Conservação de Recursos Naturais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
 . Professor pesquisador no Grupo Fronteira; orientador de dissertações de mestrado nos programas de Desenvolvimento Regional e de Ecologia e Manejo de Recursos Naturais (Ufac), atuando na linha de pesquisa de Ecossistemas Amazônicos e Produção Cultural.
4. **Creso Machado Lopes**
 . Departamento de Ciências da Saúde
 . Graduado em Enfermagem na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo (USP)
 . Mestre em Enfermagem Fundamental pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (USP)
 . Doutor em Enfermagem Fundamental pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (USP)
 . Coordenador de Apoio à Pesquisa na Ufac; líder do Núcleo de Estudos, Eventos, Pesquisas e Extensão em Saúde da Ufac; orientador do Pibic/CNPq/Ufac
 . Linhas de Pesquisa: Produção do Conhecimento em Enfermagem; Comunicação do Conhecimento; e Utilização de Resultados de Pesquisas na Prática.
5. **Edson Ferreira de Carvalho**
 . Departamento de Direito
 . Graduado em Engenharia Agrônoma na Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Direito na Universidade Federal do Acre (Ufac)
 . Mestre em Fitotecnia pela Universidade

- de Federal de Viçosa (UFV)
 . Doutor em Fitotecnia pela Universidade Federal de Viçosa (UFV)
 . Linha de Pesquisa: Sociedade, Meio Ambiente e Direitos Humanos.
6. **Enock da Silva Pessoa**
 . Departamento de Filosofia, Comunicação e Ciências Sociais
 . Graduado em Filosofia na Universidade de Passo Fundo (UPF)
 . Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
 . Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
 . Membro dos núcleos de pesquisa em “Cultura, Política e Religião” e “Estudos e Pesquisa da Criança e do Adolescente”.
7. **Ernesto Rodriguez Salas**
 . Departamento de Ciências Agrárias
 . Graduado em Medicina Veterinária na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
 . Mestre em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
 . Doutor em Ciência Veterinária pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)
 . Linha de Pesquisa: Doenças Infecciosas que Atacam o Rebanho Bovino do Estado do Acre.
8. **Francisco Carlos da Silveira Cavalcanti**
 . Departamento de Economia
 . Graduado em Economia na Universidade Federal do Acre (Ufac)
 . Mestre em Planejamento e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Pará (UFPA)
 . Doutor em Ciências Econômicas pela Universidade de Campinas (Unicamp)
 . Linha de Pesquisa: Meio Ambiente e Desenvolvimento.
9. **Jacó César Piccoli**
 . Departamento de Filosofia, Comunicação e Ciências Sociais
 . Graduado em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR)
 . Mestre em Letras/Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR)
 . Doutor em Ciências Sociais/Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
 . Linhas de Pesquisa: Movimento Indígena e Política Indigenista; Orientador nas linhas de pesquisa Sociedade e Meio Ambiente e Política Ambiental.
10. **Jonas Pereira de Souza Filho**
 . Departamento de Ciências da Natureza
 . Graduado em Geografia na Universidade Federal do Acre (Ufac)
 . Mestre em Geociências/Paleontologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

- . Doutor em Ciências/Paleontologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
 . Linha de Pesquisa: Paleozoologia.
11. **José de Ribamar Torres da Silva**
 . Departamento de Ciências Agrárias
 . Graduado em Engenharia Agrônoma na Faculdade de Ciências Agrárias do Pará (FCAP)
 . Mestre em Agronomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
 . Doutor em Solos e Nutrição Mineral de Plantas pela Universidade Federal de Viçosa (UFV)
 . Orientador do PET-Agronomia. Linha de Pesquisa: Solos e Nutrição de Plantas.
12. **Laís Maretti Cardia**
 . Departamento de Filosofia, Comunicação e Ciências Sociais
 . Graduada em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia de Marília.
 . Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
 . Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
 . Linhas de Pesquisa: Antropologia Social.
13. **Lindinalva Messias França**
 . Departamento de Letras
 . Graduada em Letras/Português/Francês
 . Mestra em Linguística pela Universidade Marc Bloch (França)
 . Doutora em Linguística pela Universidade Marc Bloch (França)
 . Coordenadora do Centro de Estudos Dialectológicos do Acre. Linha de Pesquisa: Descrição do Português.
14. **Manoel Severo de Farias**
 . Departamento de Filosofia, Comunicação e Ciências Sociais
 . Graduado em Filosofia na Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira (SP)
 . Mestre em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
 . Doutor em História e Filosofia da Educação pela Universidade de Campinas (Unicamp)
 . Linha de Pesquisa: Filosofia, Educação e Sociedade.
15. **Maria Luzenira de Souza**
 . Departamento de Ciências Agrárias
 . Graduada em Engenharia Agrônoma na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa)
 . Mestra em Tecnologia de Alimentos pela Universidade Federal do Ceará (UFCE)
 . Doutora em Tecnologia de Alimentos pela Universidade de Campinas (Unicamp)
 . Coordenadora do Grupo de Pesquisa Tecnologia de Alimentos e Segurança Alimentar; orientadora do curso de mestrado em Agronomia (produção Vegetal). Linhas de Pesquisa: Colheita e Pós-colheita de frutas e hortaliças; Processamento de Alimentos Seguros.
16. **Maria Rosélia Marques Lopes**
 . Departamento de Ciências da Natureza
 . Graduada em Ciências Biológicas na Universidade Federal do Acre (Ufac)
 . Mestra em Botânica pela Universidade de São Paulo (USP)
 . Doutora em Botânica pela Universidade de São Paulo (USP)
 . Coordenadora do Grupo de Pesquisa CNPq – Ecologia de Ecossistemas Aquáticos Continentais. Linhas de Pesquisa: Ecologia e Toxonomia do Fitoplâncton; Limnologia.
17. **Milton dos Santos Freitas**
 . Departamento de Ciências da Saúde
 . Graduado em Medicina na Universidade

- de Federal do Pará (UFPA)
 . Mestre em Saúde Pública/Epidemiologia pela Universidade de São Paulo (USP)
 . Doutor em Saúde Pública/Epidemiologia pela Universidade de São Paulo (USP)
 . Linha de Pesquisa: Morbidade, Mortalidade e Sistema de Informações em Saúde – Pediatria.
18. **Olinda Batista Assmar**
 . Departamento de Letras
 . Graduada em Letras na Universidade Gama Filho (UGF)
 . Mestra em Letras – Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
 . Doutora em Letras – Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
 . Coordenadora do Projeto Amazônia: Os Vários Olhares.
19. **Pascoal Torres Muniz**
 . Departamento de Ciências da Saúde
 . Graduado em Nutrição na Universidade Federal da Bahia (UFBA)
 . Mestre em Nutrição em Saúde Pública pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
 . Doutor em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (USP)
 . Coordenador de Pós-Graduação do Departamento de Ciências da Saúde; coordenador de projeto de pesquisa sobre Saúde e Nutrição no Município de Rio Branco.
20. **Renildo Moura da Cunha**
 . Departamento de Ciências da Natureza
 . Graduado em Medicina Veterinária na Faculdade de Ciências Agrárias do Pará (FCAP)
 . Mestre em Zootecnia pela Universidade Federal do Ceará (UFC)
 . Doutor em Farmacologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
 . Professor orientador do Projeto Institucional Estudo de Plantas Medicinais do Acre; orientador de bolsistas do Pibic/CNPq na área de Estudos Farmacológicos com Plantas.
21. **Roberto Feres**
 . Departamento de Engenharia Civil
 . Graduado em Engenharia Civil na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
 . Mestre em Engenharia Urbana pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
 . Doutor em Ecologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
 . Linha de Pesquisa: Transporte e Geotécnica.
22. **Rusleyd Maria Magalhães de Abreu**
 . Departamento de Ciências da Natureza
 . Graduada em Ciências Biológicas na Universidade Federal do Acre (Ufac)
 . Mestra em Biologia Celular e Molecular pela Unesp/Rio Claro (SP)
 . Doutora em Biologia Celular e Molecular pela Unesp/Rio Claro (SP)
 . Orientadora de projeto de pesquisa Pibic/CNPq; coordenadora do curso de Ciências Biológicas. Linha de Pesquisa: Morfologia e Citoquímica de Animais.
23. **Vicente Cruz Cerqueira**
 . Departamento de Letras
 . Graduada em Letras na Universidade Federal da Bahia (UFBA)
 . Mestre em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
 . Doutor em Linguística pela Universidade de Campinas (Unicamp)
 . Orientador de mestrados em Letras; sub-coordenador do mestrado em Letras; Linha de Pesquisa: Linguagem e Identidade.

Ufac chega em todos os lugares

Universidade Federal do Acre leva cursos de graduação a cidades de difícil acesso

HISAAC A. DE OLIVEIRA

A população dos chamados "municípios de difícil acesso" já tem fácil acesso a cursos de nível superior, que lhes é proporcionado através do Programa Especial de Formação de Professores para a Educação Básica/2006 – Zona Urbana. O Programa é fruto de um convênio celebrado entre a Universidade Federal do Acre (Ufac), o Governo do Estado do Acre/Secretaria de Estado de Educação (SEE) e prefeituras municipais.

Por meio do Programa são oferecidos três cursos de licenciaturas nas áreas de Biologia, Matemática e Letras Português, cujo vestibular foi realizado no dia 5 de março deste ano.

Os municípios contemplados são Santa Rosa, Porto Walter, Marechal Thaumaturgo, Manoel Urbano, Jordão e Assis Brasil, nos quais funciona uma turma de cada curso com 40 (quarenta) alunos, dando um total de 720 (setecentos e vinte) alunos distribuídos em 18 (dezoito) turmas.

A professora Valda Inês Fontenele Pessoa, Pró-reitora de Graduação, fala da importância do Programa, tanto para a população atendida como para a Ufac, afirmando que "para as comunidades desses municípios, a chegada da universidade em suas localidades representa o alcance de um ideal há muito tempo reivindicado e que ainda não tinha sido concretizado pelas imensas dificuldades impostas pelas condições geográficas de acesso àquelas cidades. Mas a Ufac, deve-se destacar, desde o seu início, na década de 70, sempre esteve motivada à interiorização de suas ações".

A pró-reitora finaliza dizendo que "a Ufac marca presença hoje nos vinte e dois municípios acre-



Estudantes da Ufac assistem aula inaugural em Manoel Urbano, em outubro deste ano

anos, vivendo um momento significativo, tendo o privilégio de participar da construção de elementos importantes para o desenvolvimento dessas localidades".

Os objetivos - Buscando equacionar as exigências dispostas no âmbito da legislação, as demandas dos sistemas estadual e municipal e a elevação da qualidade da formação de professores, contribuindo, assim, para elevação do padrão de qualidade da Educação Básica, o Programa tem por objetivos:

1. Oferecer formação, qualificação e titulação profissional em nível de graduação aos professores da zona urbana que atu-

am na educação básica nas redes públicas de ensino do Estado do Acre, particularmente àqueles que trabalham nas quatro últimas séries do Ensino Fundamental e nas séries do Ensino Médio, por meio dos cursos de licenciatura em Letras Português, Matemática e Ciências Biológicas;

2. Possibilitar que a formação inicial garanta condições para que o professor/aluno possa desenvolver continuamente competências para:

a. O exercício da docência no ensino fundamental e médio, participação no projeto educativo e curricular da escola e produção do conhecimento pedagógico, buscando responder

às diferentes exigências das situações de trabalho;

b. Orientar suas escolhas e decisões metodológicas e didáticas por princípios éticos, políticos, técnico-pedagógicos e pressupostos epistemológicos coerentes;

c. Desenvolver-se profissionalmente e ampliar seu horizonte cultural para a utilização de novas tecnologias e formas de comunicação;

d. Utilizar estratégias diversificadas de avaliação de aprendizagem e, a partir de seus resultados, formular propostas de intervenção pedagógica, considerando o desenvolvimento de diferentes capacidades dos alunos;

e. Promover ações que

aproximem a comunidade e a escola no sentido de tornar os ambientes propícios à promoção da aprendizagem dos alunos;

f. Assegurar efetivo acompanhamento do processo de desenvolvimento do curso, participando do sistema de avaliação que envolva técnicos da SEE e corpo docente do Programa;

g. Integrar as ações de Ensino, Pesquisa e Extensão, componentes indispensáveis à formação dos profissionais da Educação, aos saberes, valores, vivências e práticas que estão inseridas no universo da educação escolar.

As metas - Buscando atender ao disposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no 9.394/96, que determina a necessidade de elevação do padrão de formação dos profissionais que atuam na Educação Básica, o Programa tem as seguintes metas:

1. Contribuir para a extinção do quadro de professores leigos, sem formação em nível superior, num prazo de cinco anos;

2. Qualificar e titular profissionalmente, em nível de graduação, 720 (setecentos e vinte) professores da Educação Básica nas redes públicas de ensino do Estado do Acre, nas quatro últimas séries do Ensino Fundamental e Médio, da zona urbana nos municípios de difícil acesso, por meio dos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas, Letras Português e Matemática;

3. Habilitar professores para a educação básica, em nível de graduação plena, em consonância com as necessidades específicas identificadas pela Secretaria de Estado de Educação – SEE e Secretarias Municipais – SEMEC's do Estado do Acre.

Dirigentes propõem uma nova universidade para o Brasil

Representantes de todas as universidades públicas brasileiras estiveram reunidos em Salvador (BA), nos dias 1º e 2 de dezembro, participando do I Seminário Nacional da Universidade Nova, promovido pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com apoio da Associação Nacional de Dirigentes

das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), objetivando uma discussão conjunta para "reestruturação da arquitetura acadêmica da educação superior no país".

Entre as palestras apresentadas, destaques para "A renovação necessária da universidade brasileira", ministrada pelo secretário da Sesi/MEC Manuel Palácios; "Histórias

das reformas universitárias no mundo e no Brasil", ministrada pelo doutor Luiz Antônio Cunha, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); e "Legado de Anísio Teixeira para a Universidade Nova", ministrada pelo doutor Timothy Muholland, da Universidade de Brasília (UnB).

De acordo com as professoras Olinda Batista Assmar,

vice-reitora da Universidade Federal do Acre (Ufac), e Valda Inês Fontenele Pessoa, pró-reitora de Graduação, que representaram a instituição acreana no seminário, a proposta básica desse movimento chamado "universidade nova" seria a unificação de entradas dos alunos na universidade. "Ou seja", explica a vice-reitora, "os alunos não entrariam

para cursos específicos, ingressariam em bacharelados interdisciplinares com duração de três anos, com formação geral. Só depois disso é que optariam por uma formação profissional. Entretanto, a partir do segundo ano, os alunos já poderiam escolher núcleos temáticos mais vinculados a sua futura opção".



Prédio da Prefeitura do Departamento do Alto Juruá, no início do século XX, onde também funcionava o Tribunal de Apelação

FOTOS/REPRODUÇÃO

Luzes sobre a história regional

Pesquisador estudou as relações entre patrões, seringueiros e a Justiça no Acre Federal

Ao longo dos últimos 30 anos, desde que o Acre ganhou a sua universidade federal, inúmeras dissertações e teses têm dissecado e contado a história desta região, encravada no extremo ocidental do território brasileiro. Nesse sentido, cada vez que surge um trabalho novo sobre o antigo tema, é como se mais luzes incidissem na consciência das pessoas.

Seringueiros, Patrões e a Justiça no Acre Federal – 1904/1918, do professor Francisco Pereira da Costa, do Departamento de Direito, faz parte desse elenco de trabalhos acadêmicos que ajudam a elucidar a história do Estado. E ganhou mais força ainda quando se transformou em livro, publicado em 2005, sob o selo da Editora da Universidade Federal do Acre (Edufac).

Sem a pretensão de ser definitivo sobre o assunto, o professor Francisco Pereira da Costa, que é advogado e historiador, cruza as vertentes do conhecimento sistematizado do Direito e da História, fazendo sujeitos ocultos surgirem em sua plenitude, e tornando transparente um passado que praticamente já se perdia nas brumas do esquecimento coletivo.

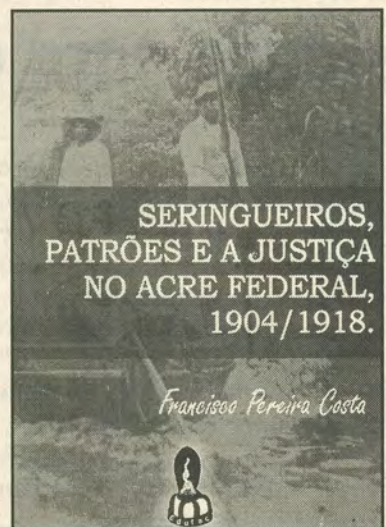
Revoltas e insegurança – Entre as conclusões do pesquisador/escritor Francisco Pereira da Costa, a de que era um risco enorme ser magistrado ou qualquer outra autoridade no Acre Federal dos primeiros anos do século XX, uma vez que aqui era um lugar onde se vivia em constante insegurança institucional, dado que surgiam

periodicamente intensos conflitos e revoltas.

“O Governo Federal”, diz Francisco Pereira, “não conseguiu consolidar as instituições por muito tempo, quer pelas revoltas contra o poder instituído, quer pelo abandono do posto de trabalho por autoridades que chegavam à região para governar e não agüentavam os conflitos. Não havia como garantir a permanência dos magistrados nomeados nas suas respectivas comarcas”.

“No contexto em que se davam as relações sociais, políticas e econômicas”, continua Pereira, “havia uma prevalência dos potentados em detrimento dos cidadãos destituídos do mesmo nível de poder econômico. Assim, facilmente, um seringalista alçava a condição de juiz, delegado, prefeito, muitas vezes tomando o poder por via das armas”.

Experiências sociais – Para o doutor Carlos Alberto Alves de Souza, prefaciador de *Seringueiros, Patrões e a Justiça no Acre Federal – 1904/1918*,



Francisco Pereira da Costa

o historiador Francisco Pereira da Costa conseguiu projetar no livro, com maestria, experiências sociais constitutivas de trabalhadores em suas lutas contra as dominações dos senhores seringalistas, na região do Acre.

De acordo com Carlos Alberto, “Pereira produziu uma obra carregada de significados históricos, capaz de dimensionar relações sociais entre homens e mulheres no interior dos seringais acreanos, em tempos passados. E tudo isso, é importante que se destaque, somente foi possível a partir de uma jornada de meses de pesquisas em arquivos das mais diversas procedências”.

Francisco Pereira da Costa é graduado em Direito e História pela Ufac e mestre em História do Brasil pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atualmente, além de ministrar as disciplinas de Direito do Trabalho e História do Direito, na Ufac, coordena um projeto de extensão de assistência jurídica num bairro periférico da cidade de Rio Branco.

Livros e Ideias

PROFESSORA DOUTORA LUCIANA NASCIMENTO

KINPARA, Minoru Martins. Comunicação educativa na relação professor-aluno. Rio Branco: EDUFAC, 2006. 168p.



A linguagem é algo que permeia toda e qualquer atividade humana. Mas, para além de uma função comunicativa, ela é um poderoso instrumento de interação, tendo em vista que a todo momento recebemos “Niágaras de mensagens”, expressão esta utilizada por Lefébvre.

É sobre o caminho da linguagem no contexto da comunicação escolar e na relação professor-aluno, que se constitui o objeto de reflexão do Prof. Dr. Minoru Kinpara (docente do Departamento de Educação) em seu livro *Comunicação educativa na relação professor-aluno*, recentemente publicado pela Editora da Ufac.

O autor parte da trajetória

da comunicação expondo seus principais conceitos e estruturas, nos mostrando que a mesma ultrapassa a ordem da interação interpessoal, tornando-se um dos fatores determinantes na relação educativa, redimensionando o ato pedagógico e a relação afetiva que se estabelece na prática do professor em sala de aula.

Sem dúvida, a leitura da obra nos leva a uma profunda reflexão sobre a contribuição da ação comunicativa, não só para a prática pedagógica como também para o nosso cotidiano.

Comunicação Educativa na relação professor-aluno

Minoru Martins Kinpara



MARQUES, Maria do Perpétuo Socorro Calixto. A cidade encena a floresta. Rio Branco: EDUFAC, 2005.



Na nossa contemporaneidade, a partir da entrada dos Estudos Culturais nos meios acadêmicos, as produções culturais que correm à margem do cânone passaram a ocupar um lugar nas reflexões acadêmicas, abrindo-se assim um espaço para a alteridade, exatamente ao dar passagem a voz das minorias enquanto autonomia de expressão.

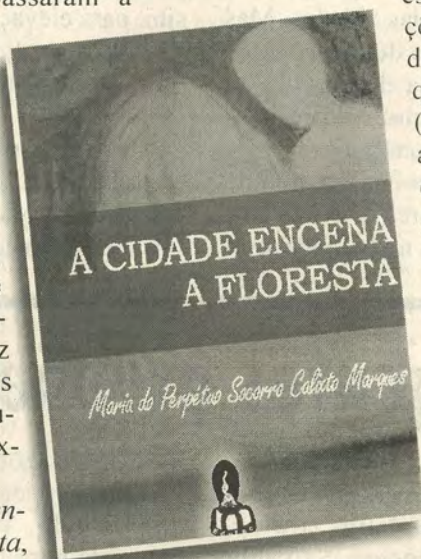
A cidade encena a floresta, obra de autoria da Profa. Dra. Maria do Perpétuo Socorro Calixto Marques, docente do Departamento de Letras da Ufac, traz para o debate acadêmico a efervescência cultural do teatro em Rio Branco nas décadas de 70 a 80.

A autora parte do contexto

histórico do período - época pela qual o Brasil passava pela ditadura militar -, entrelaçando de forma bastante coerente a relação entre literatura/cultura e sociedade, sem se deixar levar unicamente pelo viés historicista. Acrescente-se que a professora teve como objeto de

estudo as produções teatrais de diversos grupos, que atuavam (alguns ainda atuam) na cidade de Rio de Branco e privilegiaram textos dramáticos de caráter social, tematizando, principalmente, as difíceis condições de vida dos seringueiros e os conflitos

de terra. A autora observou o diálogo desses textos com o teatro épico, utilizando as reflexões do teórico russo Mikhail Bakhtin, além, de sintonizar a produção cultural acreana frente ao que se produzia na mesma época no eixo Rio-São Paulo.



Ciência e pesquisa na Amazônia



* PROF.ª DR.ª MARGARIDA
LIMA CARVALHO

- Os crescentes avanços científicos e tecnológicos que as nações desenvolvem, e parte do nosso próprio país, têm experimentado no

início deste milênio, ainda não foram oportunizados à região amazônica. A ciência regional não conta com condições necessárias para decodificar o conhecimento que aflora das riquezas naturais e da complexa identidade de nossos povos, imprescindível ao desenvolvimento almejado para a Região. Some-se a esta questão uma outra, representada pela exploração antrópica desordenada e abusiva das riquezas amazônicas impondo riscos iminentes ao ecossistema que, em última análise, demonstram claramente a precária presença do Estado de Direito.

A Amazônia Legal representa 60% do território brasileiro e compreende nove Estados da federação. Sua riquíssima biodiversidade e etnodiversidade, sua variedade lingüística e cultural, seus recursos minerais abundantes e toda a beleza cênica de suas paisagens naturais são consideradas patrimônio estratégico para o Brasil. As questões de natureza científica da Região vêm despertando, cada vez mais, interesse da comunidade internacional. A participação dos cientistas brasileiros no desenvolvimento científico e tecnológico e no domínio das descobertas ainda é limitada. O adequado desenvolvimento da Região e o exercício pleno da soberania nacional exigem a geração de conhecimento avançado. O vasto patrimônio amazônico só



ILUSTRAÇÃO

poderá ser considerado em sua plenitude e utilizado em prol do desenvolvimento do Brasil se houver políticas públicas mais contundentes visando a implementação de programas e projetos voltados especificamente para a Amazônia e suas peculiaridades.

Qualquer ação neste sentido passa necessariamente pelo investimento em Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação. Sem o conhecimento científico da diversidade e das potencialidades da Região, muito dificilmente será possível chegar ao desenvolvimento equilibrado e sustentável, sintetizado no trinômio básico: desenvolvimento; exploração de riquezas; e preservação dos recursos naturais e culturais.

Uma parte deste desafio já vem sendo superada com a consolidação dos Cursos

de Graduação na Região. Em vários Estados, há vinte anos atrás, muitos jovens que quisessem fazer um Curso Superior precisavam se deslocar para outras regiões. E este quadro já mudou bastante.

É preciso, por outro lado, implantar programas de pós-graduação que deem conta das demandas de estudos mais avançados, pois faz-se necessário ampliar urgentemente os recursos humanos qualificados e os investimentos em pesquisa na Amazônia. A Região conta, aproximadamente, com 15 Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes), 02 Institutos de Pesquisa, 25 Cursos de Doutorado, 102 Cursos de Mestrado, 953 Grupos de Pesquisa e cerca de 9.108 professores/pesquisadores, dos quais 2.394 são doutores, 4.015 são mestres, 1.011

discentes em pós-graduação, sendo 256 mestrandos e 755 doutorandos. O contingente de mestres e doutores na Região cresceu nos últimos anos, mas ainda configura um quadro de insuficiência, com baixíssima densidade de pesquisadores por área. O isolamento enfrentado pelos poucos pesquisadores da Região está contribuindo para o desânimo, falta de aproveitamento de sua potencialidade criadora e dificuldade de responder, em sua plenitude, às demandas desses jovens que procuram, na carreira científica, o destino profissional das suas vidas, nesta parte do território nacional.

As dimensões da Amazônia, assim como seu potencial, sugerem a necessidade imperiosa de criar um novo modelo de fomento para alavancar o desenvolvimento da ciência na Região que promova a formação de novos grupos de pesquisa, consolidando sua articulação com os grupos existentes, integrando-os entre si e com outros de diferentes regiões do país. Isto exige um volumoso aporte financeiro para equacionar os graves problemas vividos em decorrência das fortes assimetrias regionais. Para superá-las, foi concebido pelo Fórum de Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação da Região Norte juntamente com a Capes o Programa Ciência na Amazônia para o Brasil – Acelera Amazônia, que objetiva contribuir para o alcance da soberania científica da Amazônia por meio do estímulo à formação de recursos humanos pós-graduados de alto nível e da produção de pesquisas científicas e tecnológicas na Região.

* Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da Ufac.

Bacharéis produzem monografias no curso de Enfermagem

* LEANDRO CHAVES

Centenas de trabalhos monográficos são produzidos anualmente pelos concluintes dos cursos de bacharelado da Universidade Federal do Acre (Ufac). Confira na lista abaixo todos os trabalhos apresentados no ano de 2006 pelos acadêmicos de Enfermagem.

• **Manual de rotinas de enfermagem clínica cirúrgica** – Daniel Gustavo Nascimento de Oliveira e Ketiene Martins de Lima;

• **A leptospirose e as enchentes no município de Rio Branco, no período de janeiro a março de 2006** – Glauco Martins da Silve e Moisés Menezes Viana;

• **Estudo de caso sobre blastomicose sul americana** – Maria Célia R. Silva e Patrícia Marinez Wismann;

• **Assistência de enfermagem à criança com deficiência auditiva hospitalizada** – Efraim Ferraz de Araújo Domingos;

• **Organização do programa de controle da tuberculose no centro de saúde Barral y Barral** – Denis Fernandes de Araújo e Joseane Serra Mota de Souza;

• **Projeto propositivo de saúde comunitária educação alimentar** – direcionada à comunidade do bairro Cadeia Velha – Maria Antonia Camilo da Silva e Rodinéia Muniz Guimarães;

• **O paciente idoso cirúrgico no hospital Fundhacre** – Cristieli Sérgio de Menezes Oliveira e Rosilaine Redi Lago;

• **Curso de capacitação para agentes comunitários de saúde** – Glívia Maria do Nascimento Torres;

• **Infecção hospitalar: uma revisão bibliográfica** – Sthéfanie de Andrade Mota Pires;

• **Avaliação de um centro de saúde no Acre: relato de experiência** – Rosicley Souza da Silva;

• **Projeto de formação do conselho popular de saúde no bairro 6 de Agosto em Rio Branco** – Acre – Proposto ao centro de saúde Dr. Ary Rodrigues – Audreyanne Chistine Oliveira Costa e Mirna da Silva Maia;

• **A morte e morrer: a perspectiva de um acadêmico de Enfermagem** – Marcos Venícios Malveira de Lima;

• **Casos de violência contra a mulher devido a desigualdade de gêneros em Rio Branco** – Acre – Nilcéia Rivânia Maciel da Silva e Thatiana Lameira Maciel;

• **Relato de um estudo de caso: tuberculose – uma doença social** – Carlos Frank Viga Ramos e Gláucia Gomes Cutrin;

• **Perfil epidemiológico da doença diarreica aguda no município de Rio Branco** – Acre – Celiana Rocha Pinheiro da Silva e Geany Maria Silva de Souza;

• **Avaliação das ações de vigilância epidemiológica das doenças exantemáticas desenvolvidas no município de Rio Branco** – João Victor da Costa Faria e Paulo da Costa Moreira;

• **Relato de vivência do estágio supervisionado no curso de enfermagem na área técnica saúde na comunidade no município de Rio Branco** – José Terrana da Silva;

• **Educando com saúde** – Alexsandro Alves de Melo, Elisângela Horácio Menezes e Francisco Assis Pereira da Silva;

• **Perfil das mulheres portadoras de vaginose bacteriana do centro de saúde de Ary Rodrigues** – Elizelda Feitosa dos Santos e Tarciso Arcela Costa Freire;

• **Qualidade de vida na velhice** – Amanda Moraes de Oliveira, Ingrid Gomes Fraga e Luciana Maria Avelino de Menezes;

• **Conhecimento de mulheres surdas a cerca do exame papanicolau** – Emanuelle de Souza Ribeiro, Maria Fernanda de Sousa Oliveira e Suélen de Oliveira Cavalcante;

• **Surto epidêmico da diarreia em Rio Branco. Um relato de experiência** – Marcela Figueiredo Ribeiro e Terezinha de Jesus Barcelar Sarquis;

• **Estudo de caso** – Mairla Clara Lima dos Santos;

• **Vivendo o contexto social através do projeto Rondon no Estado**

do Acre: um relato de experiência – Domisy de Araújo Vieira Anute;

• **Organização do serviço de enfermagem do hospital Santa Juliana** – Cristiane Alves Alexandrino e Márcia Alexandrina Chaves;

• **Estágio supervisionado: uma experiência na atuação e na gestão em saúde** – Lidianni Cruz Souza;

• **Estudando neoplasia de câncer na Fundhacre** – Rozângela Maria Farias Silva;

• **Estudo de caso: paciente portadora de tuberculose pulmonar recidiva** – Andrey Jaques Nogueira de Souza e José Maria Mendes de Araújo;

• **A vivência de um acadêmico de enfermagem no programa saúde da família** – Stevão Gonzaga de Lima Brasil;

• **A síndrome de founier na visão de acadêmicos de enfermagem** – Eliesa Mara Canedo da Silva e Janice Cristina de Oliveira;

• **Disfunção da glândula tireóide: estudo de caso** – Antonia Rosália Silva e Silva;

• **Análise situacional da USF do novo Calafate: um estudo diagnóstico realizado no bairro novo Calafate, localizado no município de Rio Branco/Acre, no período de outubro a novembro de 2005** – Ana Paula Fonseca da Silva e Moisés Barros de Medeiros.

A literatura da Amazônia em foco

Simone Lima, do Departamento de Letras da Ufac, analisou em tese a obra de Márcio Souza

FRANCISCO DANDÃO

O primeiro grande sucesso do escritor amazonense Márcio Souza, *Galvez, Imperador do Acre*, em 1976, provavelmente serviu para uma espécie de primeira revisão da história local, uma vez que até então praticamente só se falava da conquista do território acreano a partir do gaúcho Plácido de Castro, líder da revolução contra os bolivianos nos primeiros anos do século XX.

Na esteira de "Galvez" surgiram outras obras de temática regional. Casos de *Mad Maria* (1980), sobre a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré; *O Empate Contra Chico Mendes* (1986), sobre a morte do citado líder seringueiro; e *O Fim do Terceiro Mundo* (1989), sobre escritores psicóticos, empresários inescrupulosos e movimentos revolucionários indígenas.

Foi essa profusão de livros de um mesmo autor sobre a região amazônica o principal elemento motivador para a produção da tese de doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada, na Universidade de São Paulo (USP), da professora Simone de Souza Lima, sob a orientação da Ligia Chiappini Moraes Leite, defendida no início do ano 2000.

Sob o título *A literatura da Amazônia em foco: ficção e história na obra de Márcio Souza*, a doutora Simone de Souza



Simone Lima, doutora em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo (USP)

Lima dividiu as obras analisadas na tese em três grandes campos temáticos: o do apogeu da borracha na Amazônia; o da lenda do boto tucuxi e as implementações eletro-eletrônicas fomentadas na Amazônia; e o campo da peça *A paixão de Ajuricaba*.

"O grande estímulo que a ficção de Márcio Souza recebe vem da história e da cultura da Amazônia. Esse diálogo é crítico e amplo, encontrando-se fragmentado na leitura, dentre outros, de Leandro Tocantins, o consagrado autor da

Formação Histórica do Acre, de 1960, e Craveiro Costa, autor de *A Conquista do Deserto Ocidental*, de 1940", diz Simone Lima.

"Entendendo a escritura do Márcio Souza como de contestação e resistência", conclui a doutora Simone Lima, "o recorte que fizemos na análise da obra foi centrado, prioritariamente, na tematização ficcional do passado histórico. Nossa intenção foi verificar como Márcio incorpora determinados eventos históricos ou estrutura interna de sua ficção".

O palco verde reinventado

A análise exaustiva da obra de Márcio Souza fez Simone Lima concluir que o autor desmonta a elite do seu Estado através dos seus personagens e das suas tramas. "Através da criação caricaturesca da classe dominante, o autor parece afirmar que, diferentemente do que a ideologia costuma pregar, nessa parte dos trópicos a elite é incompetente", afirma Simone.

"No palco chamado Amazônia", ainda no dizer de Simone Lima, "diferentes vozes sociais encenaram incoerências e contra-

dições de seu percurso histórico. Mas, acreditamos que o mais importante a destacar é que os painéis sobre a região amazônica elaborados por Márcio Souza são resultados, no plano da arte, de uma saudável resistência política".

Uma outra conclusão de Simone Lima, a de que o inconformismo de Márcio Souza parte do quadro de alienação e corrupção que caracteriza a política amazonense, no passado e no presente. Segundo ela, o autor entende que "os desafios da Amazônia hoje devem ser enfrentados olhando-

se para o passado. Nem inferno ou paraíso, nada de palco de encenações grotescas".

A tese de Simone Lima é encerrada com a afirmação de que "as interferências imperialistas identificadas em alguns textos da ficção de Márcio Souza não desapareceram no contexto social da Amazônia, do Brasil e da América Latina. Intensificaram-se, ao longo do tempo, com o que parece ser a nova face do capitalismo pós-moderno — a globalização selvagem".

Primeiros cronistas

(...) Os primeiros cronistas que descreveram a região o fizeram na condição de viajantes e seus olhares oscilavam entre o espanto e a admiração diante do vasto e desconhecido espaço. Afinal, "a Amazônia abria-se aos olhos do Ocidente com seus rios enormes como dantes nunca vistos e a selva pela primeira vez deixando-se

envolver. Uma visão de deslumbrados que não esperavam conhecer tantas novidades", destaca Márcio Souza.

No afã de estudar a região recém-descoberta, esses cronistas muitas vezes cometeram desatinos que redundaram em muitas ambigüidades, pois seus discursos tinham "como referência textual e espacial a

própria Europa". Portanto, ao efetuar o deslocamento para o espaço da Amazônia, o estudioso, preso ao referencial europeu, será preconceituoso, e o percurso por ele feito revelará o impacto.

Os estudos sobre a Amazônia revelam que ela tem sido palco de mirabolantes espetáculos. Pela região passaram os

Títulos em profusão

ROMANCES DE MÁRCIO SOUZA

- **Galvez, Imperador do Acre** (Editora Marco Zero)
- **Operação Silêncio** (Editora Marco Zero)
- **Mad Maria** (Editora Civilização Brasileira)
- **A Ordem do Dia** (Editora Marco Zero)
- **A Condolência** (Editora Marco Zero)
- **O Brasileiro Voador** (Editora Marco Zero)
- **O Fim do Terceiro Mundo** (Editora Marco Zero)
- **Lealdade** (Editora Marco Zero)

ENSAIOS DE MÁRCIO SOUZA

- **O Mostrador de Sombras** (União Brasileira de Escritores — Manaus)
- **A Expressão Amazonense: do Colonialismo ao neo-colonialismo** (Editora Alfa-Ômega)
- **O Empate contra Chico Mendes** (Editora Marco Zero)
- **Breve História da Amazônia** (Editora Marco Zero)
- **Ainda é Possível Salvar a Amazônia** (revista Encontros com a Civilização Brasileira)
- **Representação Regional, Cabanagem e Leseira: "só é elite quem age contra os interesses da região"**

(A Crise da Modernização — Museu Paraense Emílio Goeldi)

- **Um Escritor na Biblioteca: Márcio Souza** (Biblioteca Pública do Paraná)

TEXTOS SOBRE MÁRCIO SOUZA

- **Maldito: um livro causa grande confusão em Manaus** (Moacyr Amâncio — Folha de São Paulo, de 22.03.1977)
- **Ontem e hoje, o folhetim da decadência** (Nirlando Beirão — Jornal da Tarde, de 25.07.1983)
- **Fantástico realismo debochado** (Bety Brait — Jornal da Tarde, de 23.07.1983)
- **A irresistível ascensão de Márcio Souza** (Isa Cambarra — Folha de São Paulo, de 10.07.1984)
- **Os EUA se curvam ao Imperador do Acre** (Vander de Castro — Isto É, de 22.10.1980)
- **Fantasia de um interiorano miope que chegou à metrópole** (Flávio Kothe — Jornal da Tarde, de 22.03.1980)
- **O Brasil denunciado em Mad Maria** (Carlos Alberto Luppi — Folha de São Paulo, de 02.08.1980)
- **As artimanhas do vilão** (Wilson Martins — Jornal do Brasil, de 01.11.1980)

mais estranhos investigadores e, acima de tudo, exploradores. Em seu *Breve História da Amazônia*, Márcio Souza comenta que "uma das lendas mais persistentes e que mais incendiou a imaginação dos conquistadores foi a do *El Dorado*. País fabuloso, situado em algum lugar do noroeste amazônico, dele se dizia ser tão rico e cheio de tes-

ouros que, segundo a lenda, o chefe da tribo recebia em todo o corpo uma camada de ouro em pó e a seguir se banhava num lago vulcânico". A crença na existência dessa lenda foi responsável por várias mortes trágicas. (Trecho da tese *A literatura da Amazônia em foco: ficção e história na obra de Márcio Souza*).